



ISSN: 2176-5960

Προμηθεύς
Journal of Philosophy



n. 48 Maio- Agosto de 2025

PROPOSIÇÕES E REFLEXÕES ANTROPOFÁGICAS - ENTRELAÇOS E COSTURAS DE FRAGMENTOS DA DRAMATURGIA DE HILDA HILST: ENTRE ENSAIOS, ARTISTAGENS E APROXIMAÇÕES

Tárcio Gustavo da Silva¹

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Resumo

Dentre a leitura de toda obra dramaturgical de Hilda Hilst, surgem encontros e agenciamentos, que permeiam múltiplos campos que afetam e são afetados pela vida, assim essas reflexões se desdobram em expressões artísticas, em movimentos antropofágico, em escatologia colonial, em filosofia pós-estruturalista, em... em... em... Assim, tal trabalho apresenta-se um despropósito com a ciência positivista, com a linearidade do tempo e com as certezas da vida. Em modos de ensaios, de textos-devires, de escrita experimental, surge a pretensão de causar incômodos, de cutucar as feridas das capilaridades microfascistas que regem vidas, de tentar outras e/ou novas possibilidades e/ou modos... de afetar outros campos, de considerar aquilo que escapa das representações.

Palavras-chaves: Hilda Hilst; Antropofagia; Tarsila do Amaral; Experimentações

Abstract

From the reading of Hilda Hilst's entire dramaturgical work, encounters and arrangements emerge, permeating multiple fields that affect and are affected by life. These reflections unfold in artistic expressions, in anthropophagic movements, in colonial eschatology, in post-structuralist philosophy, in... in... in... Thus, such work presents itself as a contradiction of positivist science, the linearity of time, and the certainties of life. In modes of essays, of texts-becomings, of experimental writing, emerges the intention to cause discomfort, to poke at the wounds of the microfascist capillaries that govern lives, to attempt other and/or new possibilities and/or modes... to affect other fields, to consider that which escapes representation.

Keywords: Hilda Hilst; Anthropophagy; Tarsila do Amaral; Experiments

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira.

¹ Professor de Artes na educação básica pela Prefeitura Municipal de Iracemápolis/SP, mestrando em educação pela Unesp Campus Rio Claro/SP. tarcio.gustavo@unesp.br

A mãe disse que carregar água na peneira
era o mesmo que roubar um vento e
sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo
que catar espinhos na água.
O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces
de uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio, do que do cheio.
Falava que vazios são maiores e até infinitos.

Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito,
porque gostava de carregar água na peneira.

Com o tempo descobriu que
escrever seria o mesmo
que carregar água na peneira.

No escrever o menino viu
que era capaz de ser noviça,
monge ou mendigo ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor.

A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!
Você vai carregar água na peneira a vida toda.

Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!

(Manoel de Barros)

“Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar.” (Oswald de Andrade)

I. Preliminares

Noivo (Sorriso idiota): - Ele falava coisas sem sentido.

Juiz jovem: - Confundi todo mundo.

Filha (Sorrindo para o juiz jovem): - Eu não entendia bem o que ele falava.

Juiz velho: - Nem era para entender, minha filha. Ninguém entendia.
(HILST, 1969, p.69)

Ao olhar para a produção dramaturgical de Hilda Hilst, é possível perceber que existe uma fluidez na proximidade com o pensamento do movimento antropofágico. Se pensarmos que a movimentação antropofágica propõe criações de outras formas de se relacionar com o mundo, principalmente os que se diferem e escapam ao colonialismo eurocristão, onde talvez podemos chegar até considerar possibilidades de fuga do campo das representações: assim, podendo refletir nesse texto experimental, algumas relações que podem ser consideradas até como incoesas e sem sentido. Isso já nos coloca num primeiro questionamento: existem múltiplas formas de interpretar um texto? Nossa formação de subjetividade, que tem se dado de formas homogeneizantes, permite a interpretação permear no campo da diferença? O que quer o estruturalismo linguístico?

“Mas a palavra é o que importa. Pois o que a boca diz. Pode ser tanta coisa, o indizível. Ou saga remota. Que a língua não ousa. Ou ódio, ou muito amor. Coisas feitas de silêncio.” (HILST, 1968², p.214)

O intuito aqui não é responder questões, nem resolver problemas, como propõe a ciência positivista, mas causar incômodos que possam levar a movimentos de certas transformações das capilaridades instauradas dentro de nós. Ao deglutinar os colonizadores e devorá-los, ainda assim nos resta certos resquícios de microfascismos, mas que são altamente indigestos ao nosso organismo, a questão colocada é: vamos viver com dor de barriga ou colocar essa merda para fora?

Demônio (Rindo como se o Papa tivesse falado uma tolice. Recompondo-se): - Perdão. Vamos experimentar outras palavras. Se não der certo, podemos repetir essas que estão gastas ou inventar uma, se necessário.
(HILST, 1969², p.130)

Não se trata de resolver problemas num campo teórico, se trata de fazer política pela sensibilização, talvez num encorajamento de sair do papel e ir para vida, formando ciclos micropolíticos de heterotopias. Fugir dos planos de representação para um plano de imanência que flui, que vive, que experimenta, que erra, que fode e é fodido, que... que... que...

Que verso te recompõe?
Que fibra te comove ainda? (Voz baixa)
O mundo, o mundo...
O corpo que se move
Na pretensa carcaça de um molusco.
Toca-o.
Ele se encolhe mudo. (Encolhendo-se)

(HILST, 1968, p.13)

A proposta desse ensaio parte da composição de reflexões e incômodos que me foram adensando durante a leitura da dramaturgia de Hilst, assim foi sendo costurado, sem necessariamente uma linearidade, experimentações escritas que são permeadas por trechos da obra de Hilst, juntamente com ilustrações que foram feitas durante o processo de escrita: uma série de ressignificações sobre a obra Abaporu de Tarsila do Amaral.

Delineando outros modos de fazer pesquisa... de fazer ciência... de uma ciência errante... de uma ciência porvir... de uma ciência devir...

Há certas coisas absurdas...
Mas que talvez seja o medo...
que faz com que as pessoas façam certas coisas absurdas.
(HILST, 1968, p.14)

II. Esse é o ensaio? ou é a apresentação?

O que difere o ensaio da apresentação? Iniciamos com uma questão que propõe pensar sobre tempo e espontaneidade nos atos da vida. O ensaio parte da ideia daquilo que abre possibilidades múltiplas, que testa sem o temor do julgamento, que é tolerado os movimentos errantes, é aquilo que não se sabe ao certo o resultado.

Se o ensaio é uma forma de degustar, assim como frequentemente falamos (como ensaio de uma peça, ensaio de um espetáculo), no ensaio experimentamos aquilo que, não estando pronto, precisa passar por uma prova, para dele se dizer o que ainda falta. Assim, ensaiar não é outra coisa senão se colocar na infância, na infância dos estados da vida, das coisas. Apresentar um ensaio então seria como apresentar um texto infantil, infante, um texto-infância, um texto menor, um texto ainda por vir, um texto porvir, um texto ainda não pronto, um texto que ensaia, para que ele se experimente. (LEITE, 2011, p.20-21)

Ensaia possibilita habitar territórios de multiplicidade, romper com a linearidade sistemática, criar composições nas quais as coisas vão se juntando, rompe com as 'produções em série', seja na arte, seja na pesquisa, e que principalmente seja na vida!

A apresentação é aquilo que já foi ensaiado, foi definido, e embora existam possibilidades do acaso, existe uma previsibilidade do que vai acontecer, de onde se vai chegar, existe uma linearidade pré-definida dos eventos a ocorrer, é quando o ensaio já foi feito o suficiente para ser considerado 'bom'

Mas, como saber que está 'bom'? 'Bom' para quem? Quem define o que está pronto? Quem diz o que falta? Baseado em que? Quais percepções são aceitas?

Se pensarmos em como a vida se dá por fluidez, podemos associar a uma ideia de um eterno ensaio, onde estamos sempre a nos preparar, a testar, a aprender, a... a... a... Mas, nos deparamos com agentes reguladores que sistematicamente limitam as nossas possibilidades de experienciar, modulando como as coisas ‘tem’ que ser.

Poeta (Interrompe sorrindo): As coisas de Deus são rendilhadas, muitos caminhos.

Maximilian (Objetivo): Um só caminho.

(HILST, 1968, p.33)

Aqui temos algumas pistas, de maneira generalista: 1. existe uma força social que julga/define o que é bom, belo e correto, e 2. existem agentes reguladores que operam na manutenção e imposição do imaginário social.

Quando pensamos nessa espontaneidade da vida, que é confrontada com as sistematizações de alcançar um ideal esperado, nos deparamos com algumas questões no qual enfatizo duas: 1. o discurso do método na ciência, e 2. a relação com o tempo. O discurso do método, se faz por linhas limitadoras de território, prevendo um certo controle de ‘até onde pode ir’, “Quando eu digo lá fora... é outro tempo, muito longe... tudo muito longe daqui.” (HILST, 1968, p.13)

Já quando olhamos para nossa relação com o tempo, pensando que nossa sociedade é inteiramente organizada por *kronus*, temos uma força que opera sobre a inversão da nossa própria relação com a vida, com o ambiente, com as coisas todas. Talvez seja o ponto em que deixamos de lado as intensidades da vida para então, nos fazermos refêns a um apego a sistematicidade e a linearidade dos eventos. Onde está *kairós*?

É tão difícil colocar
Esse tempo que pedis.
Antes, depois, agora...
Cone do passado.
Cone da memória.
E a hora em que tudo se faz.
Vêde, Excelência...
O tempo o que é?
É o que demora!
(HILST, 1968², p.218)

Assim, penso que ensaiar na ciência é testar possibilidades, como pode a ciência humana trazer certezas diante das multiplicidades que compõem a vida? Seria então conivente com processos de subjetivação industrial? Assim os torna refêns do tempo *kronos*, entre processos que se pautam em linearidades, justificativas e produtivismo... Em qual tempo e lugar podemos ensaiar?

Ah, tempo extenso, grande tempo sem fim onde me estendo

Não para contemplar este todo de fora
Olhar enovelado respirando a hora...
(HILST, 1968, p.13)

Imagem 1. Releitura de 'Abaporu' (Tarsila do Amaral) envolvendo relações com o tempo e o método



Fonte: do autor

Juiz velho: Mas alguém me disse
Que o relógio da poesia
Anda mais depressa
E com mais maestria
Do que aquele da física.
(HILST, 1968², p.219)

III. Trechos, recortes e retalhos

Senhor, move-se com tanta liberdade
Com andar elástico, espaçado
Como um cavalo de salto!
Mas se o procurardes
Não está onde deveria.
Pela direção do passo
Estaria em frente.
E de repente volteia
Como um compasso.

(Pausa)
Não me fiz entender?
(HILST, 1968², p.217)

Olhando para trechos da dramaturgia, para recortes daquilo que possa vir a ser um pensamento outro, se fazem retalhos que ampliam a possibilidade de múltiplas interpretações. A montagem desse texto passa longe de um quebra-cabeça: pois no quebra cabeça tudo se encaixa! Tudo está destinado a formar uma imagem esperada... Coletar cacos, recortes, pedaços que se colam, se costuram, se soldam, ainda que nem sempre com firmeza, muitas vezes se soltam e se escapam, possibilitando se perder e ser encontrado. Como encontrar aquilo que não foi perdido?

Imagem 2: Releitura Abaporu (de Tarsila do Amaral) com fragmentos de papel



Fonte: do autor

Encontrar fragmentos permite reescrever o novo, reutilizar aquilo que mais nos toca, gerar novos significados e significâncias, sem necessariamente a exclusão do anterior. Propostas que levam a pensar numa ciência da bricolagem... Numa construção subjetiva da ciência, numa composição de pensares e presenças, de corpos e dissidências, de pensamentos e subversão.

E como seria a subjetividade de um texto? Até onde vai a liberdade da escrita? Existem limites e condicionamentos pré-estipulados? Seria similar aos processos de subjetivação humana? Seria possível processos que singularizam essas subjetivações?

IV. Culturas... subjetividades... e... ?

Em nome do amor acontecem baixeiras. (HILST, 1969, p.80)

Isso surge junto com o início da vida do indivíduo, isso que olhamos como um processo de aprendizagem, de obtenção de conhecimento, de formação de subjetividade, de criação de identidade... Não se trata de diferença nem singularidade...

Entre processos de endoculturação (LARAIA, 1989) que ocorrem desde o nascimento de um indivíduo, podemos notar que se opera por uma certa interiorização dos acontecimentos exteriores que nos cercam. Sendo assim, temos algo como um foco mais local/regional sobre a cultura, que mesmo diante das particularidades locais, carrega consigo fortes resquícios da identidade nacional (HALL, 2006).

“Ele dizia que os coiotes não costumam viver eternamente amoitados. Que é preciso sair da moita.” (HILST, 1969, p.81)

Mas, quando pensamos na identidade nacional (BARROS, 2024) no caso do Brasil, isso se faz por uma junção de influências que misturam elementos culturais formando o que podemos chamar de ‘mestiçagem cultural’, que se dão por subjetivações e endoculturação, de forma violenta, pontualmente sobre os povos originários do Brasil. O problema maior se dá por uma hierarquização sobre os modos de vida, no qual os colonizadores impuseram suas verdades como absolutas, tanto sob os povos originários que já habitavam o Brasil, quanto aos povos de origem africana que foram violentamente desestruturados de suas culturas por um intensivo processo de apagamento durante a calamidade da diáspora.

As influências dos processos coloniais sobre as subjetivações, criaram formas que se consideram absolutas, se colocando como necessárias para o convívio social. Assim, a imposição opera de forma sutil, uma violência velada, e em alguns casos até romantizada, já que as subjetivações tem operado sobre óticas: binárias, lineares, utilitaristas e produtivistas. Logo, essas lentes vão se encaixando uma sob a outra, compondo uma forma diversa² para olhar o mundo de uma só forma.

Sendo assim, em meio a um turbilhão de forças que se movem tendendo a modos homogeneizantes de vida, proponho pensar na ideia da antropofagia como possibilidade de respirar partículas de singularidades. Em devorar não só a cultura do colonizador, mas também eles próprios!

V. A verdade, a justiça, a moral e outras bobagens discursivas

² Diversidade na definição estruturalista de Lévi-Strauss (*apud* LARAIA, 1989), numa perspectiva unilinear, definindo as diferenças como ‘mais avançado, evoluído’ ou ‘primitivo, arcaico, não-evoluído’

“É a lei que mata” (HILST, 1969, p.64)

Como desdobramento da cultura e dos processos de subjetivação, fica implícito a uma *canonização* de determinados olhares para alguns conceitos no qual vão delineando a concretude das possibilidades de se relacionar com a vida, de se pensar modos de vida: “É bem do que eu preciso ainda hoje: antolhos.” (HILST, 1968³, p.234)

Monsenhor (Tom paternal): Minha filha, certas condutas podem parecer inofensivas mas não são. Às vezes nem sabemos o mal que provocamos. Você me compreende?

América: (Seca) Sim, Monsenhor.

Monsenhor: (Som firmeza) Bem. (Pausa) A informação que tive da irmão superintendente é de que você tem muita influência entre as suas colegas de classe e também entre as postulantes. Isso é bom. Uma vocação de liderança. No entanto, é preciso saber aproveitá-la, conduzir sim, se isso lhe foi dado, mas em direção a um caminho claro. Você me compreende?

América: Sim, Monsenhor.

Monsenhor: (Frio) E tem sido assim a sua conduta?

América: (Objetiva) Monsenhor, eu digo as coisas que penso. Só isso. Se elas são más, não sei. Muitas vezes eu nem sei quem sou. Mas penso que não há mal nenhum em perguntar o que não se entende. Eu gosto de fazer perguntas mas a irmã superintendente quase nunca me responde e sempre se aborrece comigo. Assim é que começam as coisas. Com as perguntas.

Monsenhor: (Interessado) E que espécie de perguntas você faz?

América: (Seca) Perguntas.

Monsenhor: Sei, sei. Mas diz uma delas.

América: (Sorrindo) Uma que ela se aborreceu foi sobre a Nossa Senhora.

Monsenhor: O que sobre a Nossa Senhora?

América: (Com levíssima ironia) Eu perguntei como é possível existir a frase Nossa Senhora foi Virgem antes do parto, no parto e depois do parto.

Monsenhor: (Brando) Não nos cabe o julgamento dessas revelações. É preciso ter fé.

América: (Objetiva) Mas eu penso.

Monsenhor: (Amável, mas firme) Mas a fé não pretende que você deixe de pensar. A fé não pretende que você abdique de sua inteligência.

América: (Sorrindo, com tímido desdém) Mas isso não é lógico. Como posso acreditar numa coisa que é absurda? Todo mundo sabe que é impossível ser virgem e dar à luz.

Monsenhor: (Grave) Há verdades imutáveis. Divinas. Aos poucos, pela fé, todas as dúvidas tornar-se-ão verdades também no seu espírito. Entendeu?

América: (Sorrindo) Monsenhor, mas...

Monsenhor: (Aborrecido) O mais importante no momento é que... não é bem esse tipo de pergunta... petulante... que aborrece as irmãs. (Pausa. Brando) América, sei que você é inteligente. É preciso agradecer a Deus essa qualidade. Mas é preciso também submissão diante dos superiores. Fazer perguntas não é tão grave. Sempre haverá respostas. (Sombrio) Mas querer fascinar pela argúcia, abusar de uma qualidade vital pode tornar

inquieto o coração dos outros. Inquietude de início... e depois você compreende... as pessoas jovens são propensas a dar crédito a um certo brilhantismo. (Sorrindo) Você é quase brilhante, não é? Mas não tem retaguarda, não tem embasamento (Alternadamente grave e sombrio) e pode confundir-se e confundir os outros. As alunas e as postulantes são muito jovens... podem fantasiar a seu respeito, podem querer partilhar desse seu... brilhantismo. Isso não é o desejo dos superiores. Você compreende? Todas estão perturbadas. Modificaram-se.

América: (Seca) Mas isso não é minha culpa.

Monsenhor: (Levemente agressivo) É sua culpa sim, minha filha. (Pausa) Que tipo de argumentos você usa? (HILST, 1967, p.271-272)

Assim, partimos de conceitos que geralmente se caracterizam em uma única verdade absoluta, em um único olhar definidor como bom, como bem, como certo, como belo... e por consequência, suas oposições que se respalda num *modus operandi* totalmente binário. O problema do binarismo é essa dualidade entre o modelo esperado e o antagonismo, que além de criar ideias de valores pré-estabelecidos, ainda opera na manutenção de ‘verdades’ e ‘moralidades’, excluindo todas as outras possibilidades.

Juiz velho: Mas prelado, por favor! Em nós, tudo é exato! Assim como a Pátria Deseja para seus filhos Equidade... a lei
Ouve-se uma rajada vigorosa de metralhadoras.

Juiz velho: A lei

Ouve-se nova rajada vigorosa de metralhadoras.

O Trapezista sai correndo da sala e o Prelado ajoelha-se e reza.

Um tiro seco.

Juiz velho: O que era mesmo que eu estava falando?
(HILST, 1968², p.224)

A impossibilidade de poder operar o múltiplo diante de uma estrutura, que desde a linguística, se faz exclusivamente binária, age exatamente na exclusão de outras possibilidades, no apagamento, no silenciamento... E ainda, quando não se consegue ocultar essas dissidências do que se estipula como ‘normalidade’, onde se acaba obrigado a conviver em coexistência, articula-se um mero discurso de ‘respeito’, de ‘tolerância’, no qual pela análise de SILVA (2007, p.73) “Em geral, o chamado ‘multiculturalismo’ apóia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença. É particularmente problemática, nessas perspectivas, a idéia de diversidade”, acaba por uma certa exotização do outro, uma espécie de animalização da diferença.

Pois é. (Olha ao redor e para a porta aberta. Voz baixa) A lei... (Voz alta) É heróica. Pois afinal arriscamos a vida nesta toga. (O juiz faz sinal para que o juiz velho se apresse) Bem, bem, A nossa sentença é antes de tudo um conselho: Que cada um de vós, o Passarinheiro (Olha ao redor) Não está mais? (O juiz jovem faz sinal para que o velho se apresse) Bem, bem, o Prelado está? Ah, sim, e o Trapezista, ah, está aí? Bem, que todos os três daqui por diante, vendo alguma coisa, por favor, por favor, não insistam, não

insistam. E que o nosso caro Agente, nosso digníssimo Agente... (Olha ao redor) Não está mais? Enfim, quem o nosso Agente continue a dar ao povo o que o povo merece, isto é, sempre, sempre, e cada vez mais, um envoltório decente, quero dizer, pare ser bem claro, aliás o que me falta sempre, dar ao povo um caixão, um envoltório, em outras palavras, colocá-lo num ardil, numa armadilha, num alçapão, resguardá-lo... Resguardá-lo de toda e qualquer visão. Se tudo isso não se cumprir... (Voz alta por esquecimento) A lei... (HILST, 1968², p.227-228)

VI. Para deglutinar e jantar o inimigo

(Continua a ler) ...aguardamos o cumprimento da nossa vontade o mais breve possível. Não queremos ódios, nem inquietações, queremos apenas, ajudados pela mão de Deus, transformar a confusão dos homens em amor, em justiça. Se não derem cumprimento à nossa vontade, a vila terá merecido castigo. (Levanta a cabeça) E o merecido castigo é a morte. (HILST, 1969, p.95)

Quando olhamos para a perspectiva de uma deglutição epistêmica do colonizador, percebemos a sutilidade dessas ações quando colocamos em comparação com a violência física, como na citação anterior que justifica uma execução por ‘contrariar o pensamento hegemônico’, ainda que numa perspectiva discursiva de ‘proteção’: “Como é nosso dever proteger o povo, zelar por suas vidas, estender-lhe a mão...” (HILST, 1969, p.94). Assim, nossas propostas não se reduzem à pacificidade, apenas visa preservar as vidas dissidentes, de modo que operem numa violência talvez até imperceptível contra as próprias violências que lhes agridem. Ainda que possa partir de um desdobramento do que Deleuze propõe para o pós-estruturalismo: como um tensionamento do estruturalismo que o leve até às últimas consequências.

Monsenhor: (Interrompe, ainda interessado, tentando compreender) Mas espera um pouco... por que tudo isso? Por que Eta e Dzeta não podiam modificar o percurso?

América: Com delicada ironia) Porque não era bom.

Monsenhor: Por que não era bom?

América: Elas disseram que podia ser perigoso, muito perigoso.

Monsenhor: Elas quem?

América: As cooperadoras chefes do Instituto.

Monsenhor: (Sem compreender) As cooperadoras chefes? (Pausa. Recompondo-se espantado consigo mesmo por ter ouvido até aí) Não não, filha, tudo isso é bobagem, cooperadoras chefes... institutos...

(HILST, 1967, p.275)

Partimos da idéia de adentrar ao sistema, estar inserido ali, participar ativamente do funcionamento, para então sabotar, subverter... O movimento produzido pela torção de conceitos, não só escritos e verbais, pode trazer essa força transformadora que possa capitalizar talvez, o que Guattari vai chamar de uma: revolução molecular.

Pensando a partir do movimento antropológico, proponho poder olhar para além do que pode ser definido como um movimento. Assim, diante de minhas inquietações, levo neste trabalho algumas ressignificações da obra intitulada ‘Abaporu’ de Tarsila do Amaral, no qual observo alguns simbolismos atribuídos a obra tenha relação direta com este ensaio, tais como: crítica direta a rostidade, a identidade... “Ninguém tem o mesmo rosto.” (HILST, 1969, p.62)

A aversão a corporeidade como um todo e como um padrão, e ainda aos padrões de arte; pés grandes como enfoque ao sul (pensar as subjetividades outras, as cosmovisões outras, as epistemologias outras)... Desnortear as teorias! Abaporu como um canibal devora seus inimigos, se alimenta deles, nutre seu corpo enquanto destrói o inimigo.

Estudante: A tua vontade é deixar o corpo quieto, e de repente ele se move..., caminha, vai de encontro aos outros corpos, ela dizia isso.

Poeta: Nós precisamos... Nós queremos o outro corpo.

Estudante (Apaixonado, tom crescente): E que também se você repetir a palavra corpo muitas vezes, ela dizia, corpo corpo corpo, experimentem.

Todos repetem menos Maximilian e o Carcereiro.

Estudante: O corpo deixa de significar o teu corpo e toma a forma de alguma coisa volumosa e cinzenta, ali, à tua frente. Corpo... ali.

(HILST, 1968, p.23)

Imagem 3: releitura de Abaporu de Tarsila do Amaral propondo outra corporificação de Abaporu



Fonte: do autor

Assim, tomo a liberdade de interpretações e re-interpretações num ciclo múltiplo que possa tender a uma não-linearidade, não-coesão, e até a um não-sentido. Assim, como nossos olhares subjetivos, vamos como esses processos de subjetivação e endoculturação, que entre

moldes e modulações vão formando uma imagem que mesmo quando deformada daquilo que esperamos, tende a representar algo esperado. O pouco que escapa é tolerado ou esperado? Até que ponto é permitido escapar?

Remodelando o que pode ser o Abaporu, o que pode ser a antropofagia, para qualquer ponto além do binarismo de ser ou não ser. “As pedras podiam ser lapidadas de muitas maneiras.” (HILST, 1968, p.20)

Imagem 4. Modelando e relendo ‘Abaporu’



Fonte: do autor

Devorar sujeitos num modo mais literal na perspectiva da ecologia das subjetividades (GUATTARI, 1991), onde podemos pensar numa cadeia alimentar sobre a importação e imposição das subjetividades advindas do continente Europeu e da América do Norte. Isso que não é palpável, que muitas vezes passa despercebido, isso que opera como micro dentro de nós, numa natureza molecular, ainda que produzida por operações molares, ainda que manejada por aparelhos do estado em níveis institucionais, a manutenção desses aparelhos se fazem propositalmente para manter isso dentro de nós. Não basta destruir os aparelhos e máquinas que produzem essas subjetividades, “essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo.” (GUATTARI, 1991, p.9). “(Desespero surdo) Eu não agüento mais... (Dobrando-se) Se eu arrancasse tudo aqui por dentro e comesse.” (HILST, 1968, p.34)

Eu tive um amigo muito inteligente, muito inteligente mesmo, ele se chamava Isaac, ele queria ser biólogo como eu, ele dizia: um dia eu vou escrever isso, veja se não é verdade, ele dizia para mim, olha se um consumidor servir de alimento a um outro organismo, um segundo consumidor, o consumidor... (HILST, 1968, p.31)

Numa cadeia alimentar micropolítica, causando reverberações estomacais que regurgitam toda a podridão num material orgânico que devolve essa merda à terra.

Joalheiro (Dócil): Maximilian, você é feito de carne?

Carcereiro (Seco): De ossos. Você não vê?

Estudante: De células carnívoras, como todos nós.

Poeta (Apreensivo): São carnívoras?

Estudante (Sorrindo): A natureza da célula orgânica é carnívora.

(HILST, 1968, p.16)

Imagem 5. Releitura de 'Abaporu'(Tarsila do Amaral) devorando o colonizador Pedro Álvares Cabral



Fonte: do autor

Essas relações que nos são impostas, seja com o tempo *kronos*, com a cosmovisão colonizadora, com os pensamentos sistemáticos e o imaginário social, seja com o... seja com a... seja com e... mesmo quando extremamente sutis, no qual mesmo que as macro-imposições operem pelas micro-percepções, elas causam mal-estar, são indigestas, literalmente não conseguimos digerir de fato, e pra onde vai esses incômodos? Ele fica dentro de nós? Ele é expelido?

Juiz jovem: Mas nossa boca de vento, que aparentemente é vazia, seria o primeiro elemento para uma escatologia... comparada. Boca de vento... Na verdade (põe a mão no traseiro e na boca) duas bocas do nada. Partindo do nada, chegaríamos a infinitas conclusões. Depois do nada, vem tudo de mão beijada. A cultura.

Juiz velho: (Muito surpreendido) A cultura?

Juiz jovem: Espere... espere. Você sabe que o verme come o homem. E a cultura de material abundante seria no futuro nossa única forma de leitura. Cultivar a matéria! Ler na matéria! O mundo se transformaria num grande laboratório de análises. Acostumar as narinas! Já de início ficaríamos todos livres da parasitose. Depois, quem sabe o que se descobriria na matéria... quem sabe o quê! (HILST, 1968², p.198)

VII. Escatologia, cropofagia e verborragia

Mas está perfeito! Uma surpreendente analogia! No fim do mundo sobre nossas cabeças uma nova esfera! A coproesfera! Sobre nossas cabeças enfim o que os homens tanto desejam: a matéria!! Você não se entusiasma? Sobre nossas cabeças como um novo céu, a merda! Escatologia pura. (HILST, 1968², p.199)

Após se alimentar dos colonizadores, de todas suas imposições, seus modos e suas podridões, nosso organismo não suporta, a barriga dói tendendo num movimento para um certo final. A escatologia aqui, se faz o fim do mundo colonizado, num olhar distópico para o mal estar que nos coloca nesse modo, de certa forma, único e limitante de vida.

Então já começou a fedentina? (Para o ajudante)

Hans, já estão cagando no chiqueiro.

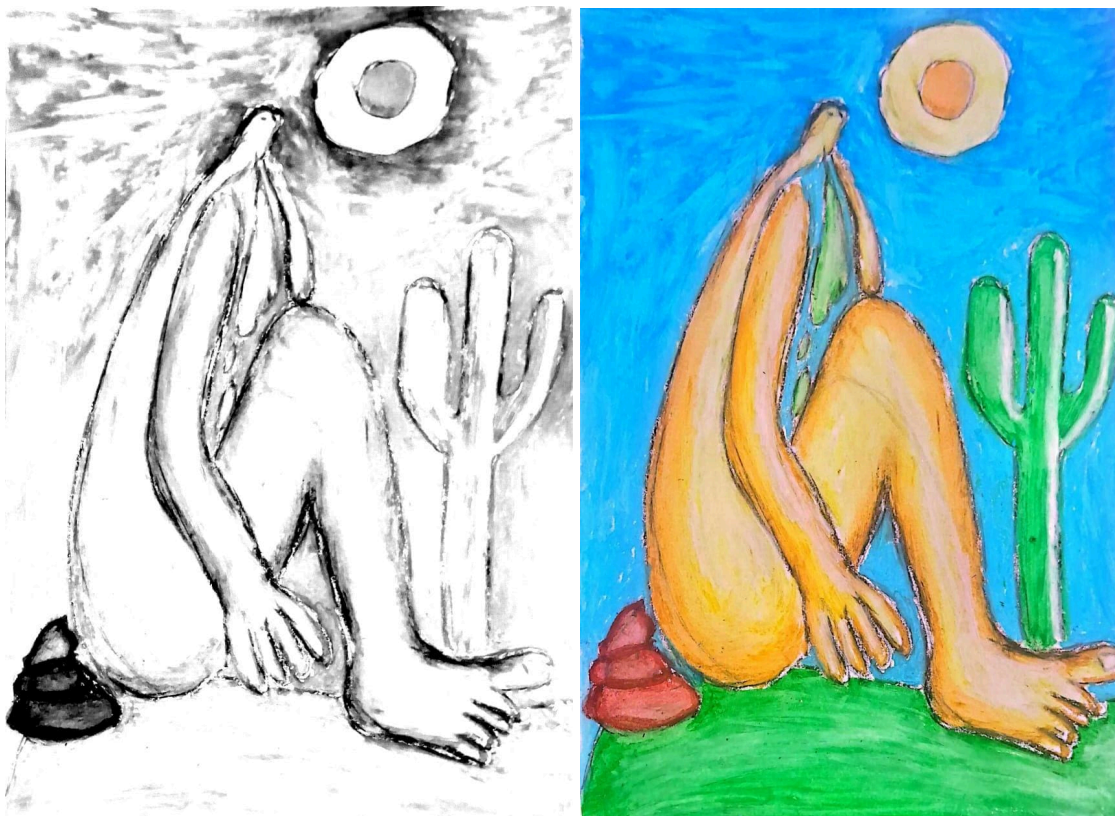
Porcalhada, ainda bem que quem vai limpar tudo isso são porcos iguais a eles. (HILST, 1968, p.22)

Isso é mais orgânico! Escapa e faz escapar... Como merda mole numa diarreia que não consegue segurar, sob o desejo imensurável de retornar à terra, cumprir o ciclo e transmutar a energia.

Mata-se a fome pela diferença alimentando-se antropofagicamente do inimigo nem sempre declarado, e num processo de reciclagem da matéria o corpo sem órgãos (DELEUZE & GUATTARI, 2011) processa uma exteriorização escatológica de uma beleza fétida, cíclica e natural. Como superar essa indigestão? Esse mal-estar da dificuldade de processar essa podridão? A ânsia regurgita ao movimento verborrágico de colocar para fora os incômodos, o mal estar e a indigestão, que explode num vômito verborrágico,

Aqui as linhas de fuga se materializam e escapam pelos orifícios... Ora vomitados verborragicamente, ora escapam pelo cu possibilitando um novo ciclo, que podem nutrir outras possibilidades.

Imagem 6: Releitura cropológica da obra 'Abaporu' de Tarsila do Amaral



Fonte: do autor

Em suma, pensar a verborragia como as epistemes que escapam, que são vomitadas quando provocadas por tanto desconforto em nosso estômago, uma náusea provocada em nossas vísceras, que escapam e fazem escapar outras possibilidades. Pensar a cropofagia como toda a merda que acontece quando nos submetemos, com as dores de barriga que as imposições nos causam. Pensar a escatologia como o fim do mundo, desse mundo colonizado, desse mundo capitalista, desse mundo neoliberal, desse mundo individualista, pensar no fim como possibilidade de um novo começo, talvez de um re-ancestralizar a vida, seguindo linhas de fuga que levam a possibilitar outros modos de vida.

VIII. Linhas de fuga e modos de vida outros

Pai: Ah, sim. Escute, meu filho, esses homens não aceitaram o Novo Sistema. Você compreende? Não foram bons homens. (HILST, 1968⁴, p.162)

Pensar em modos de vida outros se trata das múltiplas possibilidades de escapar das imposições sociais, um movimento descolonizante que tende a uma resistência anticolonial, para então não apenas desprender das interseções coloniais, mas também preparar a esQUIVA quanto a novas possibilidades de outras colonização.

O problema é: até onde somos atingidos pelas colonizações? Isso atravessa o campo do visível, isso mesmo que opere nas representações, parece que atravessa o campo das representações, pois de tanta performatividade se tende a naturalizações que se repetem de forma espontânea que já não se interpretam mais, se tornam uma espécie de pseudo axioma.

Essa construção social que opera de forma fantasmagórica, não tem seus fantasmas andando a esmo por aí, esses fantasmas operam em corporeidades que assumem papéis de certo cargos que detém poderes sobre a vida. E devido a esses poderes, ela passa a incorporar seu cargo como sua função da vida.

Nesta cidade
Excelência
A profissão do homem
É o seu nome.
(HILST, 1968², p.206)

Essas pessoas servem ao interesse de quem? Eles sustentam outras pessoas? Elas sustentam sistemas? Sistemas criados por quem?

Cidadão 1: Bem... eu acho que mais ou menos o homem falava a coisa certa.
Cidadão 5: O que, por exemplo?
Cidadão 1: Ele falava que é preciso conhecer o que mais nos oprime.
Cidadão 2: (Aponta os juizes) E a gente não conhece?
Cidadão 6: Mas será que é isso?
Cidadão 3: Se era isso, não adianta. Eles não estão sozinhos. A coisa vem de cima. (HILST, 1969, p.98)

IX. Hilda Hilst contra os aparelhos do Estado

Menino: “Apenas umas poucas órbitas altamente restritas são permitidas...”
Mãe: E depois? E depois?
Menino: “E a seleção dessas órbitas permitidas faz-se com observância de certas regras especiais”
(HILST, 1968⁴, p.159)

Ao observar todo o trabalho dramaturgo de Hilda Hilst, percebo uma certa impossibilidade de não ter uma leitura foucaultiana. Isso fica evidente antes mesmo de ler os textos, apenas ao olhar para os personagens, já percebemos certas intenções.

Ao observar ‘Aves da Noite’ (1968), nos deparamos com: um padre, um poeta, um carcereiro, um estudante, um joalheiro, uma mulher, um SS, e o Hans como um ajudante do SS; no texto ‘O Verdugo’ (1969): um verdugo, a esposa do verdugo, o filho e a filha do verdugo, o noivo da filha do verdugo, um carcereiro, dois juizes, seis cidadãos, um homem e

dois homens coiotes; em ‘A morte do patriarca’ (1969): um papa, um cardeal, um monsenhor, um demônio, dois anjos e três jovens; em ‘O novo sistema’ (1968): um menino, a mãe e o pai do menino, uma menina, cinco escudeiros e dois físicos; em ‘Auto da barca de Camiri’ (1968): dois juizes, um trapezista, um passarinho, um agente, um prelado; em ‘O visitante’ (1968): Ana, Maria, Homem e Corcunda; em ‘A empresa’ (1967): América, três postulantes, um vigia, um monsenhor, um superintendente; em ‘O rato no muro’ (1967): dez irmãs (no sentido de freiras).

Partindo do olhar dos personagens, já conseguimos identificar que nos textos da dramaturgia de Hilda Hilst, é presente fortes críticas às instituições de poder e controle, principalmente essas que formam subjetividades: em especial igrejas, escolas e sistema penal. Assim, se faz evidente um olhar sistêmico que considera as pistas dadas no início desse texto, tanto sobre a força fantasmagórica que controlam os processos de subjetivação, moldando, e pretendendo homogeneizar numa perspectiva euro-cristã.

Anjo 2: Fez-se aquele
Estado ideal?
Demônio: Todos unidos.
Uma só língua.
Aliás, quero dizer, um só pensamento.
(HILST, 1969², p.112)

E ainda mais evidente, as instituições e suas funções sociais. Embora esse olhar foucaultiano já esteja batido dentro das produções acadêmicas, a idéia aqui é propor pensamentos que incentivem a escapar de tais capturas pelos processos de subjetivação. Esse é um trabalho inconclusivo, pois não se pauta numa linearidade temporal, e sim nas possibilidades de agenciamentos, nos encontros de potências, potências que escapam do controle, potências poéticas, potências dramaturgas, potências artísticas, que dialogam diretamente com a vida, os olhares e os sentires. Esse pretende ser um artigo-devir, que possa vir a ser algo, que possa transformar, que possa descapilarizar os microfascismos.

Imagem 7: Releitura Abaporu de Tarsila do Amaral com rosto da Hilda Hilst



Fonte: do autor

Senhores, senhores!
Não seria possível
Amenizar a vossa relação?
Torná-la mais branda
Para que se possa chegar
A uma conclusão?
(HILST, 1968², p.213)

X. Referências Bibliográficas

BARROS, Douglas - *O que é identitarismo?* 1^oed. Ed. Boitempo, São Paulo, 2024.

208p. ISBN: 978-65-5717-414-2

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix - *O anti-édipo*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Ed.

34: 2011 (Coleção TRANS) ISBN: 978-85-7326-446-3

GUATTARI, Félix - *As três ecologias*. Ed. Papyrus -3^oed, Campinas - SP : 1991

HALL, Stuart - *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz

- Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11.ed, DP&A, Rio de Janeiro, 2006. 104p.
ISBN: 85-7490-402-3
- HILST, Hilda. A empresa - 1967 in *Teatro Reunido* (1967-1969). Ed. XXXX, 2000, 350p..
Organização por Edson Costa Duarte
- HILST, Hilda. Aves da noite - 1968 in *Teatro Reunido* (1967-1969). Ed. XXXX, 2000, 350p..
Organização por Edson Costa Duarte
- HILST, Hilda. Auto da barca de Camiri - 1968² in *Teatro Reunido* (1967-1969). Ed. XXXX,
2000, 350p.. Organização por Edson Costa Duarte
- HILST, Hilda. O visitante - 1968³ in *Teatro Reunido* (1967-1969). Ed. XXXX, 2000, 350p..
Organização por Edson Costa Duarte
- HILST, Hilda. O novo sistema - 1968⁴ in *Teatro Reunido* (1967-1969). Ed. XXXX, 2000,
350p.. Organização por Edson Costa Duarte
- HILST, Hilda. O verdugo - 1969 in *Teatro Reunido* (1967-1969). Ed. XXXX, 2000, 350p..
Organização por Edson Costa Duarte
- HILST, Hilda. A morte do Patriarca - 1969² in *Teatro Reunido* (1967-1969). Ed. XXXX,
2000, 350p.. Organização por Edson Costa Duarte
- LARAIA, Roque de Barros - *Cultura: um conceito antropológico*. Jorge Zahar
Editor, Rio de Janeiro - RJ. 4o ed. 1989, 116p. ISBN: 85-85061-57-X
- LEITE, César Donizetti Pereira - *Infância, experiência e tempo*. São Paulo: Cultura
Acadêmica, 2011. 166p. ISBN: 978-85-7983-195-9
- SILVA, Tomaz Tadeu da - A produção social da identidade e da diferença in *Identidade e
Diferença: a perspectiva dos estudos culturais* / Tomaz Tadeu da Silva (org.), 7oed. Ed.
Vozes, Petrópolis - RJ, 2007. pp.73-102. ISBN 978-85-326-2413-0